UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto n°17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

MULHERES NEGRAS, SEXUALIDADE E ESCRAVIDÃO NA GAZETA MÉDICA DA BAHIA (1866)

Gabriel Santos de Santana[1]; Adriana Dantas Reis[2];
1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: gabriel.his.uefs@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: adrihis@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; escravidão; sexualidade; discursos; poder.

INTRODUÇÃO

A Gazeta Médica da Bahia (GMB) foi um periódico de circulação mensal que surge em 1866 face as transformações oriundas do período Joanino iniciado em 1808. Entende-se aqui que o empreendimento Gazeta Médica da Bahia era, sobretudo, uma forma de exercício de poder discursivo autorizado por uma formação estrangeira aos médicos da Bahia. O exercício do poder nessas condições permitiria a esses sujeitos atingir objetivos políticos e sociais de importante relevância ao contexto social.

De acordo com Michel Foucault (1969), os discursos são construídos, profundo, modelados, organizados, a partir de diferentes campos de poder, o que significa dizer que eles devem ser considerados em sua multiplicidade histórica e social sempre associada a práticas de poder. Dessa forma, é necessário voltar ao passado e compreender, a partir dos discursos, como se davam as relações sociais em suas condições sócio-históricas.

Como apontam Adriana Dantas Reis (2018) e Cecília Moreira Soares (1994), as mulheres negras viviam um paradoxo sobre a sua autonomia onde, mesmo sob a condição de subordinação aos discursos desenvolvidos, essas mulheres subvertem essas relações de modo contrário ao comportamento esperado. Soares, por exemplo, nos apresenta a mulher negra que possui uma autonomia de transitar entre o público e o privado, evidenciando um domínio sobre o seu corpo que, consequentemente, produz, sob os olhares da aristocracia, um discurso social sobre essas mulheres nos diferentes âmbitos de organização social.

Neste trabalho, objetiva-se a analise das edições que compõem os primeiros seis meses de publicação da Gazeta Médica da Bahia sob quatro dimensões presentes nas publicações do periódico. Além disso, analisamos a seção de registros clínicos, onde aspectos de gênero e sexualidade com relação às mulheres negras foram analisados com maior profundidade. Esse trabalho foi realizado na condição de bolsista PIBIC-Af/CNPq.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O material utilizado para esse trabalho está disponível na Hemeroteca Digital em acervo da Biblioteca Nacional Digital. A partir do olhar teórico-analítico sobre o contexto e os sujeitos que compõem este trabalho analisamos 12 (doze) edições da Gazeta Médica da Bahia que compõe seu primeiro ano de publicação.

Ao fim da análise do primeiro ano da GMB foi possível elencar quatro características presentes nas publicações, são elas: a) A GMB como forma de validação e divulgação do saber médico científico; b) a GMB como espaço de atuação política; c) a GMB e a relação com a sociedade exterior (europeia); e d) a GMB como espaço de consolidação do Estado Nacional Brasileiro. Analisaremos essas características, bem como a seção de registros clínicos publicados no periódico espaço onde médicos publicavam relatos de suas experiências nos hospitais e em particular, em residências. É neste campo que pacientes estão vulneráveis ao olhar e a impressão de suas perspectivas sobre seus pacientes.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O plano de trabalho sobre o qual este trabalho foi produzido propunha três objetivos específicos, isto é, realizar o levantamento de fontes sobre o tema proposto; analisar os discursos parlamentares, periódicos, literatura, relatos de viajantes, e produções acadêmicas a fim de compreender como a mulher negra era vista dentro da sociedade baiana oitocentista, sobretudo no aspecto da sexualidade; e, por fim, discutir sobre a construção do imaginário da mulher negra hipersexualizada nos períodos de formação do Estado Nacional Brasileiro.

Durante o período de realização do trabalho, foram elencados os periódicos do século XIX disponíveis digitalmente na plataforma da Biblioteca Nacional – dentre os quais está a Gazeta Médica da Bahia –, os anais do Parlamento Brasileiro na Biblioteca do Senado, registros de viajantes no acervo da Brasiliana na USP, além dos acervos de dissertações e teses da Faculdade de Medicina da Bahia, cumprindo assim o primeiro objetivo específico. Para esse trabalho, no entanto, nos dedicamos ao estudo da Gazeta Médica da Bahia em seu primeiro ano de publicação (1866), disponível na Hemeroteca Digital em acervo da Biblioteca Nacional Digital.

Optei pela realização da análise do discurso com base nas ideias do pensador francês Michel Foucault, entendendo o discurso como uma expressão de poder. Concorda-se com Foucault na perspectiva de que os discursos são produzidos dentro de um contexto e uma lógica que estruturam narrativas e, portanto, o lugar ocupado por determinados sujeitos dentro da estrutura organizativa da sociedade, supõe um discurso influenciado por essa percepção. (FOUCALT, 1976, 1969). Neste trabalho, além do lugar social ocupado por médicos e cientistas, entendemos que sua formação, aspectos políticos e sociais influenciam seu discurso sobre os sujeitos aos quais serão “objetos” desse estudo.

Adailton Santos (2008), em sua dissertação de mestrado, ao analisar a chamada “Escola Tropicalista Baiana”, aponta a Gazeta Médica como um espaço de divulgação dos saberes médicos produzidos por essa comunidade científica que muito contribuiu para o avanço e consolidação da ciência médica como uma forma de interpretação da realidade social. A partir da análise da documentação percebe-se que o saber científico difundido nesse periódico pode ser caracterizado pela forte influência da medicina

europeia na formação desses médicos, como também pelo desejo de estabelecer na Bahia uma prática médica para além dos limites da medicina.

A primeira dimensão analisada, caracteriza a GMB como "forma de validação e divulgação do saber médico científico". A analise das fontes aponta para um enunciado onde a GMB seria um potencial espaço de consolidação do saber científico autorizado, legitimo, face as disputas nas formas de se fazer ciência e com as outras instituições como a Faculdade de Medicina na Bahia. A busca por uma validação da ciência como forma de leitura da sociedade, nesse caso, da Gazeta como espaço de validação da ciência médica aparece, de forma específica nos números 1, 4, 8, 9 e 12.

Outra dimensão que dialoga diretamente com essa primeira é a da GMB como "espaço de atuação política", isto é, o espaço onde os médicos se utilizavam da visibilidade do periódico para expor suas insatisfações, críticas e comentários sobre a cidade de Salvador e a política, de modo geral; aspectos da sociedade baiana oitocentista constantemente aparecem no periódico, em especial, aspectos do estado sanitário da Bahia em tempos de epidemia, como da cólera morbus.

A terceira dimensão analisada aqui é a da relação da GMB com as sociedades estrangeiras, sobretudo, europeias. Entende-se que essa relação é construída com objetivos de consolidar nacional e internacionalmente a GMB, seja através de escrita de trabalhos (nº 1) ou na aplicação de métodos anestésicos (nº 5), além de uma seção dedicada para notícias estrangeiras.

A quarta e última dimensão analisa a relação da GMB com a consolidação do Estado Nacional Brasileiro. A formação da classe médica nas instituições europeias e as fortes influências europeias apontadas por José Murilo de Carvalho (1980) expressam a reprodução do processo na sociedade baiana. Algumas edições e trabalhos publicados no periódico seguem uma narrativa de defesa do nacionalismo em tempos de formação do estado nacional, defesa de uma identidade médica brasileira, com métodos e práticas adaptadas a seu contexto.

Por fim, na leitura dos 12 números da gazeta foi possível identificar 17 registros clínicos. Destes, apenas 7 são de pacientes do sexo feminino, identificadas de parda ou preta/crioula, que se ocupava do ofício de engomar ou "creada de servir". Chama a atenção que os casos femininos são tem autoria de 3 autores específicos: Dr. J. F. da Silva Lima (4), Dr. M. M. Pires Caldas (2) e o Dr. Wucuerze (1). Com o suporte teórico de Margareth Rago (2008), analisamos particularidades os registros cínicos. As personagens citadas na GMB não passam pelo processo de exibição de seu corpo exemplificado por Margareth Rago. No entanto, é perceptível que em ambos os casos a intepretação dos cientistas/médicos responsáveis supõe uma autoridade para violentar o corpo de mulheres negras em situação de vulnerabilidade.

Portanto, é possível afirmar que na Gazeta Médica, no período estudado, há o fortalecimento de um saber médico que observa corpos negros, em especial, femininos como peças, objetos de desenvolvimento da ciência médica na Bahia. Números, relatos clínicos a serem publicados em prol de um cientificismo racista e misógino. São as bases para a objetificação do corpo feminino na esfera pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A pesquisa na documentação da Gazeta Médica da Bahia se mostrou muito promissora. Apesar dos limites e dificuldades na interpretação da documentação, foi possível realizar parte dos objetivos propostos. Apenas o terceiro objetivo específico "discutir sobre a construção do imaginário da mulher negra hipersexualizada nos períodos de formação do Estado Nacional Brasileiro" não foi possível de ser concluído completamente por impossibilidade de observação desse aspecto na documentação. Nesse sentido, o trabalho priorizou destacar as relações entre a documentação e a sociedade baiana no período. Evidenciando a relação entre ciência e as relações sociais que organizam a sociedade pode-se projetar um novo plano de trabalho que abordasse de forma mais aprofundada essa relação nos anos seguintes de publicação do periódico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Adriana Dantas Reis. As mulheres negras por cima: o caso de Luzia Jeje: escravidão, família e mobilidade social-Bahia, c. 1780-c. 1830. 2010.

CARVALHO, José Murilo. A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial. Editora Record, 2003.

COSTA, Iraneidson Santos. A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890–1940. 1997. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA.

DAVID, Onildo Reis. O inimigo invisível: a epidemia do cólera na Bahia em 1855-56. 1994.

DOS SANTOS, Adailton Ferreira. Escola Tropicalista Baiana: registro de uma nova ciência na gazeta médica da Bahia (1866-1889). 2008. Tese de Doutorado. Mastersthesis, Pontifical Catholic University of São Paulo, 2008), 12 and 75–6.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2019

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.–. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. História da sexualidade I: a invenção do sexo. 1976.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. 1866. Disponível em: < http://bndigital.bn.br/acervodigital/gazeta-medica-bahia/165646 > Acesso em: 20 ago 2021.

RAGO, Margareth. O corpo exótico, espetáculo da diferença. **Labrys Estudos Feministas**, 2008.

REIS, Adriana Dantas. Gênero, Patriarcado e a história da escravidão no Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH. São Paulo, 2001.

_____. A "IMORALIDADE" DAS MULHERES NEGRAS E OS PARADOXOS DO PATRIARCADO-BRASIL SÉC. XIX. Revista Feminismos, v. 6, n. 3, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

_____. Género:¿ Todavía una categoría útil para el análisis?. **Teoría y pensamento feminista**, 2011.

SCOTT, Joan W. et al. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 45, 2012.

SOARES, Cecília Moreira. Mulher negra na Bahia do século XIX. Salvador: EDUNEB, 1994.